

Onde está o Brasil no campo da educação?

Ozires Silva

Há algum tempo o influente jornal britânico Financial Times, de Londres, publicou significativa manchete: "Coreia - o fanatismo pela educação". A reportagem descreve as iniciativas, os esforços e os investimentos feitos pelo governo coreano e pela iniciativa privada do país, para dotar toda a nação de escolas de alto nível, nas mais variadas áreas do conhecimento, contando com a cooperação das mais prestigiadas instituições de ensino mundiais. Foi dada a partida a um amplo esquema de preparação do cidadão coreano para competir no mundo do consumo mundial, mediante uma série de ações positivas, que, enfatizadas a partir de 2001, fazem com que não seja nenhum milagre o fato de que os produtos de origem coreana entrem profusamente em todos os mercados do mundo, inclusive de forma clara e direta no Brasil.

O presidente Kim Dae-jung decidiu oficialmente considerar a educação como um dos pilares básicos para o desenvolvimento dos recursos humanos nacionais e como um assunto da maior prioridade. E não parou por aí. Disparou possivelmente um dos maiores programas educacionais do mundo moderno, somente superado agora em volume pela China. A administração governamental reformulou o sistema que rege o assunto, por meio do Ministério da Educação e Desenvolvimento de Recursos Humanos, inteiramente reformulado e ganhando importância nas prioridades do poder público.

Muito se tem lido e escrito sobre a globalização que atingiu o mundo, como consequência direta das comunicações universais e instantâneas, fazendo com que os cidadãos de praticamente todo o planeta comecem a experimentar comportamentos ligados a uma verdadeira corrente de informações que flui todo o tempo das mais variadas regiões, mesmo as mais distantes. Um mundo novo foi criado fazendo com que a competição entre moedas, produtos e pessoas e tudo o mais não sejam mais nacionais, mas sim amplamente internacionais.

O que os coreanos compreenderam, e agora os chineses, com bastante atraso em relação ao que já ocorreu no passado entre os países mais adiantados, é que o progresso dos países depende diretamente da capacidade de cada cidadão e do ambiente geral criado para garantir a cada iniciativa um clima de superação das dificuldades e de facilitação para vitória nos resultados.

Fazendo uma análise, mesmo que superficial, dos resultados de avaliação da educação brasileira, mesmo que sem a precisão desejável, os números apresentam realidades desastrosas e tendências distantes das que se observam no panorama internacional, em particular a dos países emergentes. Na análise de 2000 da Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE), o Brasil ocupava o penúltimo lugar no ensino das ciências e a última colocação no Programa para Avaliação Internacional de Estudantes (PISA), entre 43 países selecionados. Isto não se alterou e provavelmente piorou nos primeiros anos deste terceiro milênio.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em 2001, classificou o Brasil em 87º lugar em qualidade da educação.

Apenas 56% dos alunos brasileiros completam oito anos de ensino fundamental. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) do nosso Ministério da Educação revela que os alunos da terceira série do curso fundamental estão nos níveis "crítico" ou "muito crítico" em relação às suas capacidades de leitura. Cerca de 70% dos alunos foram graduados, mesmo não apresentando um conjunto básico de conhecimento de matemática;

Há 110 milhões de brasileiros, quase 60% da nossa população estimada, na faixa etária de 15 a 65 anos, apresentam um quadro preocupante: 9% são analfabetos, 30% não entendem os textos em leitura corrente, 37% estão no nível básico de alfabetização. Ou seja, 75% dos nossos compatriotas podem ser classificados como analfabetos funcionais, possivelmente não se qualificando para exercer qualquer atividade profissional que agregue valor à produção.

Lamentavelmente não se pode discutir desenvolvimento, progresso, melhoria da qualidade de vida da nossa população sem olhar para esses dados e outros com uma real preocupação, pois já vivemos num mundo que enfrenta progresso e inovações de uma maneira como nunca observada no passado.

Assim, já é realidade a existência de uma sociedade do conhecimento, a qual exige uma fundamental necessidade de competências para ocupar espaços nesse cenário, hoje vivo e em crescimento na comunidade humana do planeta. Tudo está a mostrar, e de forma contundente, que o nosso Brasil não está equipado para ocupar o futuro melhor aspirado pela maioria da população e declarado pelas autoridades, de um modo geral.

Encontrar e praticar respostas para estes desafios pode ser algo fascinante e possível de ser realizado. Não parecem ser necessárias ferramentas que o País não disponha. Basta acrescentar ao que temos uma sólida vontade política, das autoridades, dos meios de produção e da população, lembrando-se que a educação é um dever de todos e que é um instrumento efetivo para, e em poucos anos, transformar o Brasil, tornando-o presente e competitivo dentro dos cenários de antecipação de um futuro que já se pode vislumbrar.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 2 fev. 2009, Primeiro Caderno, p. A3.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins de estudo